

As Antiguidades de Atenas: Prefácio (1762)¹

James Stuart

Tradução: Daniela Kern

Os arruinados edifícios de Roma por muitos anos chamaram a atenção daqueles que se dedicavam ao estudo da arquitetura, e geralmente foram considerados como os Modelos e Padrões da construção regular e ornamental. Muitas representações deles desenhadas e gravadas por talentosos artistas foram publicadas, por meio das quais o estudo da arte foi muito grandemente facilitado em toda a parte, e a sua prática geral foi aprimorada e promovida; tanto que o que é agora considerado a maneira mais elegante de decorar construções foi originalmente formado, e foi desde então estabelecido, a partir de exemplos que as antiguidades de Roma forneceram.

Mas ainda que o mundo tenha sido enriquecido com as coleções desse tipo já publicadas, pensamos que seria uma obra não inaceitável aos amantes da Arquitetura se acrescentássemos àquelas coleções alguns exemplos tirados das antiguidades da Grécia; e fomos confirmados em nossa opinião principalmente por essa consideração, a de que como a Grécia era a grande Mestra das Artes, e Roma a esse respeito não mais do que sua discípula, pode ser presumido que todas as mais admiradas construções que adornam aquela cidade imperial eram apenas imitações dos originais gregos.

Portanto parecia provável que se representações acuradas desses originais fossem publicadas, o mundo seria capaz de formar não apenas ideias extensivas, mas também mais justas do que as que até aqui obtidas no que diz respeito à Arquitetura, e o estado em que existiam durante as melhores épocas da Antiguidade. Parecia mesmo que uma performance desse tipo poderia

¹ Traduzido a partir de STUART, James. Preface. In: STUART, James; REVETT, Nicholas. *The Antiquities of Athens*, v. 1. London: John Haberkorn, 1762. p. i-viii.

contribuir para um aperfeiçoamento da própria Arte, que no presente parece se fundar em um sistema de exemplos antigos demasiado parcial e escasso.

Pois durante aqueles períodos de violência e barbarismo, que começaram com o declínio e continuaram muito depois da destruição do império romano, os belos edifícios que haviam sido erigidos na Itália com tanto trabalho e custo, fora negligenciados ou destruídos; de modo que, para usar uma expressão muito comum, pode verdadeiramente ser dito que a Arquitetura permaneceu por séculos enterrada em suas próprias ruínas; e ainda que, dessas ruínas ela, como Fênix, tenha recebido um segundo nascimento, podemos no entanto concluir que muitas das belezas e elegâncias que acentuavam seu antigo esplendor ainda estão esperando, e que ela ainda não recobrou, de modo algum, sua antiga perfeição.

Essa conclusão se torna suficientemente óbvia quando consideramos que os grandes artistas cuja indústria reviveu essa nobre arte foram obrigados a moldar sua Forma atual a partir daquelas Ideias apenas sugeridas a eles pelas casuais ruínas da Itália; e essas ruínas estavam longe de fornecer todo o material necessário para uma completa restauração da Arquitetura em todas as suas partes, de modo que sobre as melhores coleções delas, aquelas publicadas por Palladio e Desgodetz, não se pode dizer que fornecem uma suficiente variedade de exemplos para restaurar mesmo as três ordens de colunas, pois elas são deficientes no que diz respeito ao dórico e ao jônico, as duas mais antigas dessas ordens.

Se, a partir do que foi dito, pode parecer que a arquitetura está reduzida e restrita a limites mais estreitos do que poderia se desejar, por falta de um maior número de exemplos antigos do que os que até aqui foram publicados, é preciso então presumir que cada exemplo de bela Forma ou Proporção, onde quer que possa ser encontrado, é um valioso acréscimo ao antigo estoque, e deve, quando publicado, se tornar uma aquisição material para a Arte.

Mas de todos os países que são embelezados pelos antigos com construções magnificentes, a Grécia parece merecer principalmente nossa atenção; uma vez que, se acreditarmos nos próprios Antigos, as mais belas Ordens e

Disposições de colunas foram inventadas naquele país, e as mais celebradas obras de Arquitetura foram erigidas ali; ao que se deve acrescentar que os mais excelentes Tratados sobre Arte parecem ter sido escritos por arquitetos Gregos.

A cidade da Grécia mais renomada por edifícios imponentes, pelo Gênio de seus habitantes, e pela cultura de cada arte, era Atenas. Nós resolvemos, portanto, examinar aquele local ao invés de qualquer outro, congratulando-nos de que as ruínas que poderíamos encontrar ali iriam superar em verdadeiro Gosto e Elegância cada coisa até aqui publicada. O quanto de fato essas expectativas de fato foram respondidas deve agora ser submetido à opinião do público.

Ainda assim, uma vez que as autoridades e razões que nos fizeram levar em tão alta consideração as construções de Atenas podem servir, do mesmo modo, para protegê-las em alguma medida das demasiado apressadas opiniões e tolas censuras dos descortesios, pode não ser inadequado reproduzir algumas delas nesse lugar. E nós, além disso, queremos dizer algo um pouco mais extenso sobre esse assunto, o que será ao mesmo tempo uma desculpa para nós mesmos e talvez a melhor justificativa para nosso empreendimento.

Após a derrota de Xerxes, os gregos, protegidos dos invasores e de total posse de sua Liberdade, chegaram ao topo de sua prosperidade. Foi então que eles se dedicaram com a maior assiduidade e sucesso ao cultivo das Artes. Eles mantiveram sua independência e seu poder por um considerável espaço de tempo e se distinguiram pela preeminência e universalidade do Gênio desconhecido em outras épocas e nações.

Durante esse feliz período seus mais renomados artistas estavam produzindo. A escultura e a arquitetura atingiram seu mais alto grau de excelência em Atenas na época de Péricles, quando Fídias se distinguiu com tal habilidade superior que suas obras foram consideradas como maravilhas pelos antigos, enquanto qualquer conhecimento ou gosto permaneceu entre eles. Sua estátua de Júpiter Olympus, dizem, nunca foi igualada; e foi sob sua inspeção que

muitas das mais celebradas construções foram erigidas. Vários artistas dos mais distintos talentos foram seus contemporâneos, entre os quais podemos elencar Calímaco, um ateniense, o inventor do capitel coríntio. Depois disso, uma sucessão de excelentes pintores, escultores e arquitetos apareceu, e essas artes continuaram na Grécia em sua mais alta perfeição até a morte de Alexandre o Grande.

Pintura, escultura e arquitetura, isso deve ser observado, permaneceram todo aquele tempo em um estado muito rude e imperfeito entre os italianos.

Mas quando os romanos subjugaram a Grécia, eles logo se apaixonaram por essas deleitáveis artes. Eles adornaram sua cidade com estátuas e imagens, os espólios daquele país conquistado; e adotando o estilo grego de arquitetura agora começam a erigir construções de grande elegância e magnificência. Eles, no entanto, não parecem ter igualado os originais aos quais tomaram de empréstimo seu Gosto, tanto por pureza de design quanto por delicadeza de execução.

Pois ainda que esses edifícios romanos fossem muito provavelmente desenhados e executados por gregos, como Roma nunca produziu muitos extraordinários artistas próprios, de todo modo a própria Grécia estava naquela época grandemente degenerada de sua antiga excelência, e há muito tempo havia cessado de exibir aquela superioridade de Gênio que a distinguiu na era de Péricles e na de Alexandre. A isso uma longa série de infortúnios a reduziu, primeiro por haver sido oprimida pelos macedônios, e depois subjugada pelos romanos, com a perda de sua liberdade, aquele amor pela glória igualmente e aquela sublimidade de Espírito que animou seus artistas, assim como seus guerreiros, seus estadistas e seus filósofos e que formou seu caráter peculiar, estavam então extintos, e todas as suas excelentes artes definhavam e estavam quase expirando.

Elas eram de fato, em detalhe, assiduamente estimadas e cultivadas em Roma. Sendo aquela cidade agora Mestra do Mundo, e possuindo riqueza e poder sem limites, tornou-se ambiciosa também com relação aos supremos embelezamentos que essas artes poderiam conceder. Eles não poderiam, no

entanto, ainda que assistidos pela magnificência romana, ascender novamente àquela altura de perfeição que havia sido atingida na Grécia durante o feliz período que mencionamos. E é particularmente notável que quando os próprios autores romanos celebravam qualquer excelente produção de arte, era a obra de Fídias, Praxíteles, Miron, Lisipo, Zeuxis, Apeles, ou em suma de algum artista que adornou aquele período feliz, e não a daqueles que trabalhavam em Roma, ou que viveram mais próximos de suas próprias épocas do que da era de Alexandre.

Parece, portanto, evidente que a Grécia é o local onde os mais belos edifícios foram erigidos, e onde os mais puros e elegantes exemplos de arquitetura antiga podem ser descobertos.

Mas seja ou não concedido que esses edifícios mereçam os *encomiums* que foram oferecidos a eles, certamente será um estudo de algum deleite e curiosidade observar onde os estilos Grego e Romano de construção diferem; pois certamente diferem; e decidir, através de um judicioso exame, qual é o melhor. É tão útil servir ao progresso de uma Arte enquanto está se aperfeiçoando como remontá-la à sua primeira perfeição, quando declinou. Sob uma dessas luzes, portanto, a performance que nós agora oferecemos ao público irá, se espera, ser bem recebida.

Essas foram algumas das considerações que determinaram que eu, conjuntamente com o Sr. Revett, visitássemos Atenas, e medíssemos e delineássemos com toda a possível diligência, o que quer que pudéssemos lá encontrar que merecesse nossa atenção. Estávamos então em Roma, onde já havíamos empregado seis ou sete anos no estudo da pintura, foi então em torno do final do ano de 1748, que eu primeiro esbocei um breve relato de nossos motivos para empreender essa obra, da forma que propúnhamos levá-

la a cabo, e dos temas com os quais esperávamos compô-la. Muitas cópias disso foram distribuídas por nossos amigos; e a aprovação geral que essas propostas receberam, confirmaram-nos em nossa resolução.

As preparações necessárias para nossa viagem requereram algum tempo. Nós não partimos de Roma antes do mês de março de 1750, e chegamos a Veneza tarde demais no ano para os navios de Curran, sendo que a bordo de um deles deveríamos desembarcar em Zant: com esse desapontamento percebemos que iria necessariamente retardar nossos procedimentos por vários meses. Para que tanto de nosso tempo não permanecesse sem emprego, fomos para Pola, em Ístria, para examinar as antiguidades daquele lugar; certificando-nos nós mesmos, através do testemunho de Palladio e Serlio, de que mereciam nossa atenção; e esperando não apenas indulgir nossa curiosidade, mas encontrar materiais ali que pudessem ocupar nosso tempo livre, e nos habilitar a produzir para nossos amigos uma espécie apropriada da maneira pela qual propuséramos executar nossa obra ateniense; nem fomos nós desapontados em nossas expectativas.